

Representação imagética de Ivaiporã (PR) a partir da recuperação histórica¹

Juliana Mastelini MOYSES²

Paulo César BONI³

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

RESUMO

O presente trabalho é uma proposta de recuperação histórica de Ivaiporã (PR), a partir de relatos orais e fotografias. Ou seja, as fotografias não são utilizadas somente como ilustrações, mas como fontes de pesquisa que auxiliam a despertar a memória dos entrevistados. Dentre os referenciais teóricos que o trabalho utiliza estão *Os tempos da fotografia*, de Boris Kossoy, e *A voz do passado*, de Paul Thompson. A pesquisa apura como se configura a representação imagética e histórica da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia e memória; história oral; história de Ivaiporã (PR).

INTRODUÇÃO

Este trabalho é, antes de tudo, uma tentativa de responder questionamentos históricos sobre Ivaiporã (PR) a partir da leitura fotográfica e da história oral. Conhecer a história não é só responder a uma curiosidade, mas atender a uma necessidade social de estabelecer vínculos com aqueles que compartilham a mesma vivência, as mesmas realidades, os mesmos lugares e origens e muitas vezes não se dão conta disso.

A importância de se buscar conhecer e recuperar a história da cidade está na capacidade de estreitar laços em comum de pessoas que aparentemente só compartilham o lugar onde vivem. O reconhecimento das características comuns reforça seus próprios laços de identidade e de pertencimento à comunidade. Por isso, depois das informações e fotografias levantadas e sistematizadas, buscar-se-á publicizar os materiais, deixando-os acessíveis aos verdadeiros interessados: os cidadãos.

Ivaiporã localiza-se na região centro-norte do Paraná. Sua história é recente (remonta à década de 40) e, por enquanto, existem poucas referências suas nos livros de história do Paraná. Por essa conjunção de fatores, existe a possibilidade e a necessidade

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 3º ano do Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: jumastelinimoyses@gmail.com

³ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA/USP). Coordenador do Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina. Editor da revista Discursos Fotográficos. E-mail: discursosfoto@uel.br



de se fazer essa recuperação histórica junto aos pioneiros da cidade e às representações fotográficas dos primeiros anos da cidade.

À possibilidade de recuperar a história segundo a ótica daqueles que a viveram e construíram, soma-se a importância da fotografia como documento histórico, que traz consigo um farto material histórico do período em que foi tomada, tanto do lugar quanto das pessoas fotografadas. Neste trabalho, as fotografias não são usadas como ilustrações apenas, mas como fonte de pesquisa. Ampliando-se os documentos referenciados, amplia-se também a possibilidade de entendimento.

As fotografias antigas, assim como a história oral são usadas como linha condutora da pesquisa. Para isso, foi preciso coletar materiais e acervos em arquivos pessoais, para, além de recuperar e democratizar a história, apurar como se configura a representação imagética da cidade e como ela pode ser conservada e socializada.

A pesquisa sobre a história de Ivaiporã veio ao encontro do tema do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom 2011: “Quem tem medo da pesquisa empírica?”, pois ao buscar a recuperação histórica, com os recursos da história oral e dos documentos imagéticos, extrapolando, inclusive, para a tentativa de observação da forma como se configura a memória e o acervo imagético da cidade, muitas dúvidas (ou medos) surgiam. Foi preciso ir a campo, conversar com as pessoas, coletar fotografias, descobrir novas versões e experimentar frustrações.

Dentre as dúvidas levantadas no início da pesquisa estão: Existe um acervo fotográfico histórico na cidade? Essas fotografias e a história estão preservadas? As pessoas estão dispostas a contribuir com a recuperação histórica e com a coleta de imagens? Será possível construir um discurso histórico baseado em fotografias e oralidade?

Essas dúvidas não atrapalharam. Pelo contrário, foram um incentivo a mais para a busca de informações. O principal receio era se os medos seriam comprovados. Só havia um jeito de descobrir: a pesquisa empírica. E essa pesquisa foi suficiente para perceber uma série de questões que precisam ser conhecidas para possível tomada de atitudes em prol da conservação da memória, das fotografias e da história de Ivaiporã.

Fotografia e oralidade como documentos históricos



“Toda fotografia tem atrás de si uma história.” (KOSSOY, 2001, p. 45). Por isso, as fotografias são um importante instrumento para contar a história de um grupo de pessoas ou de um lugar. Mais do que a expressão estética de um momento recortado no tempo, elas contam muito do ambiente e da situação vivida. Desse recorte, carregam características peculiares que contam muito dos hábitos, costumes e rotina de um povo, e aguçam a memória. As fotografias, portanto, são guardiãs de uma realidade, mesmo que parcial.

Kossoy (2007) fala que a carga documental da fotografia, fundamental para a recuperação histórica, está na sua força expressiva de fixar a memória individual e coletiva ao gravar microaspectos dos locais, fatos e personagens. Hoffmann (2010, p. 21-22) acrescenta que a fotografia ajuda a compreender o período pesquisado e obter novas informações.

A imagem fotográfica pode ser utilizada para obter informações inéditas ou para confrontar informações obtidas por outros tipos de documentos. Elas permitem desvendar aspectos que não ficam claros em outras formas de registro e ajudam a recuperar a história daqueles que não deixaram escritos ou depoimentos.

A fotografia é um documento que ajuda a contar a história a partir da presentificação de um momento visual vivido no passado. Ela familiariza um lugar, um instante a alguém que não esteve ali, naquela época. O recorte fotográfico atualiza um momento do passado (um recorte apenas) a cada novo olhar. Segundo Kossoy (2001, p. 27), as fotografias têm a capacidade de “registro preciso do aparente e das aparências”.

Por isso, fotografia e memória mantêm entre si uma relação muito forte – e daí a importância de se aliar à história oral – nesse trazer à tona uma situação do passado. A fotografia existe justamente para servir à memória, pois ela foi produzida para preservar aquele momento de alguma forma, num recorte de papel. Esse objetivo é atingido quando as pessoas observam uma fotografia e presentificam uma cena que os antepassados quiseram preservar. Borges (2005, p. 78-79) ressalta que:

Os homens e mulheres que se dedicam a pensar e a refletir os diferentes campos da dinâmica social não podem desconhecer o poder das imagens. Para além de sua dimensão plástica, elas nos põem em contato com os sistemas de significação das sociedades, com suas formas de representação, com seus imaginários.

A memória despertada pela fotografia ajuda a construir um discurso histórico, posto que cabe a cada cidadão – e a todos – a formação do lugar onde se vive. Cada família que saiu do lugar onde estava e mudou-se para Ivaiporã no intuito de construir a vida e criar os filhos; cada pessoa que com a enxada e a serra nas mãos ergueu sua vida onde nada existia, que se formou ao mesmo tempo em que a cidade, tem muito a dizer. Neste sentido, dar voz aos atores esquecidos na sociedade é colocá-los em seu devido lugar: de "fazedores" da história e construtores da cultura. Pois, mesmo que não apareçam, a história só pôde ser construída graças ao seu trabalho.

Além disso, conhecer as histórias de quem ajudou a construir a cidade é conhecer também um pouco da história coletiva, pois elas falam muito do conjunto. Um instrumento para isso é a história oral, que auxilia na tentativa de dar voz aos anônimos que têm muito que contar. Thompson (1992, p. 22) fala que a história oral não é necessariamente um instrumento de mudança, mas pode, sim, ajudar a transformar as concepções de história.

Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação [...] pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.

Além de dar espaço de expressão àqueles que vivenciaram a história, Boing (2007) aponta que a história oral possibilita uma interpretação mais aberta às diferenças, o que serve de base para o confronto de pontos de vista sobre um mesmo acontecimento. Passa-se a ouvir não só *uma* versão dos fatos, mas várias versões, o que facilita a compreensão da realidade.

Meihy (2002) admite que os depoimentos sejam repletos de interferências emocionais e vieses variados. Porém, para ele, está na emoção e na subjetividade com que o fato é narrado o que interessa para a história oral. É a versão que cada um tem sobre um mesmo fato e como aquele acontecimento se caracterizou para cada um. O historiador diz também que muitos autores do uso da história oral garantem estar na busca da experiência o objetivo central da história oral, e não na busca da verdade. Em seguida, acrescenta que a história oral se concentra na captação de experiências de vidas de pessoas dispostas a falar sobre suas vidas. Nesse sentido, “quanto mais elas os contarem a seu modo, mais eficiente será seu depoimento” (MEIHY, 2002, p. 51).



Memória histórica de Ivaiporã

Esta pesquisa foi suficiente para observar alguns aspectos sobre a memória histórica de Ivaiporã. Praticamente, não existe uma história organizada do município. Existem alguns relatos em *sites*, como o da prefeitura da cidade; e pesquisas na biblioteca pública e em algumas escolas, elaboradas sem qualquer rigor científico. Há também um trabalho de conclusão do Curso de Especialização em História da Faculdade de Mandaguari (PR): *Companhia Ubá: Colonização e ocupação do território entre os rios Ivaí e Corumbataí (1939-1970)*, de Simone Aparecida Queizi, e um artigo de Lúcio Boing: *Vale do Ivaí: Conflitos e ocupação de terras regionais*, disponível no *site* da Secretaria de Educação do Estado do Paraná. Ambos apresentam uma visão não idealizada da colonização da região, diferente dos discursos recorrentes, e são muito úteis para o esclarecimento de dúvidas.

Essa visão não idealizada é resultado, em parte, da fonte e técnica de pesquisa que os autores utilizaram, e que também estão sendo utilizadas nesta pesquisa. Eles não se limitaram àquilo que havia de consolidado, oficialmente, sobre a história do Vale do Ivaí, região onde fica Ivaiporã, mas recorreram às pessoas que vivenciaram a história a fim de conhecer suas versões dos acontecimentos. Versões que foram importantes para ampliar as narrativas do pouco material existente sobre a história da região.

Essas experiências demonstram que a principal fonte para recuperação histórica da cidade está nas pessoas, tanto em seus documentos como nos seus relatos. Ainda não há, em Ivaiporã, um local ou centro de estudo que seja referência e aglutine a memória do município e região. Ou seja, a memória de Ivaiporã ainda está dispersa. Quanto às fotografias históricas, a situação é a mesma: não há um centro que as reúna e conserve.

As fotografias deste trabalho foram conseguidas primordialmente junto a instituições como a Igreja Bom Jesus, que possui um arquivo, levantado recentemente sobre a história da igreja; a Biblioteca Municipal, que possui diversas fotografias, algumas não são originais, mas todas em condições adversas de conservação; o jornal *Paraná Centro*, que possui um acervo de fotografias históricas digitalizadas; a Câmara de Vereadores de Ivaiporã. Excetuando a Biblioteca, nas demais instituições, tivemos acesso apenas às cópias digitalizadas, e não às fotografias originais.

Uma segunda parte das fotografias foi obtida com um ivaiporaense que, preocupado em preservar a história da cidade, mantém um acervo digitalizado de



fotografias antigas, de variadas fontes que, na medida do possível, foram levantadas. Por fim, algumas das foram obtidas a partir do acervo pessoal de uma família de pioneiros.

A todos os entrevistados era perguntado sobre a posse de fotografias antigas da cidade, porém apenas uma, Inês Ishii, disse possuir e as emprestou para serem digitalizadas. Além da falta de material, muitos têm receio de ceder um documento que lhes é tão caro e não tê-los de volta. Alguns entrevistados relataram já haver, em situações anteriores, emprestado fotografias e que elas nunca lhes foram devolvidas.

Ivaiporã em fotografias

Jovem cidade do centro norte do Paraná, Ivaiporã acolheu pessoas de diferentes lugares em busca de melhor qualidade de vida ou simplesmente um lugar para viver. Sua ocupação se deu com a vinda de pessoas de vários estados, com o encontro das três frentes de colonização que marcaram a ocupação do Paraná: frente tradicional, frente do norte e frente sulista. Cada frente representava uma cultura e ocupou um espaço geográfico diferente. Por conta disso, se fala da existência de “três paranás”, que se encontraram na região de Ivaiporã.

Os primeiros a se dirigir para a região foram os chamados caboclos, no final da década de 30, que adentravam nas matas e abriam lugares novos no sertão (BOING, 2007). O jeito dos caboclos causou estranhamento nos catarinenses, que chegaram ao final dos anos 40. Os caboclos por sua vez estranhavam o jeito de lidar dos catarinenses, pois estes chegavam comprando suas posses de terras e os obrigavam a sair das terras que ocupavam sem documentação. Para os catarinenses, a terra tinha noção de posse, tanto que a família da pioneira Adelina Bitencourt chegou em 1948 em busca de mais terras para comprar, posto que em Santa Catarina a família morava num sítio, “mas existia pouca terra”, conta⁴.

Imigrantes também se dirigiam para a região, atraídos pelas terras férteis e os grandes espaços para produzir. A esperança de encontrar um lugar que fosse seu, onde pudessem viver do trabalho na terra, atraiu muitos dos que eram estimulados por aqueles que já ali se encontravam.

⁴ Adelina Bitencourt. Entrevista concedida a Juliana Mastelini Moyses em 27 de julho de 2010.

A figura 1 retrata a mata que existia na região na década de 40, quando teve início o processo de colonização. A mata traz consigo a ideia de fertilidade das terras, posto que floresta só cresce em solo fértil. Onde existia mata, plantar era sinônimo de produção garantida. Segundo os entrevistados, de Porto Ubá a Ivaiporã tudo era sertão.



Figura 1: Bráulio Barboza, ao centro, um dos donos da Cia. Ubá
Fotografia: Autor e data desconhecidos
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de Ivaiporã

Por sua força expressiva, de mostrar as qualidades das terras, a fotografia foi usada como propaganda para atrair compradores. O senhor ao centro é Bráulio Barboza, um dos proprietários da colonizadora que se instalou na região no final da década de 40 para lotear os terrenos da Fazenda Ubá, nome do lugar onde nasceu a cidade.

Os homens que pousam para a fotografia se apresentam numa situação de superioridade em relação ao restante do cenário. Toda mata está ao fundo, submetida à vontade do homem, sustentado pela força representativa do automóvel. E era isso que se pretendia transmitir com o intuito de atrair cada vez mais gente para a recém colonizada região. Vale lembrar que na década de 40, até as décadas de 60 e 70, automóvel era um indício de *status* e trazia a ideia de prosperidade.

Lúcia Santaella (2009, p. 42) fala que fotografias antigas

de pessoas, casas e cidades amadas produzem no observador sentimentos de nostalgia e mesmo de ternura. Nostalgia pela evidência de escoamento de um tempo que foi indo embora para sempre. Ternura porque até o coração mais duro amolece diante daquilo que não voltará jamais.

Para além da nostalgia e ternura, uma fotografia é capaz de aguçar, em quem a observa, sentimentos negativos. A fotografia trouxe à memória de uma das entrevistadas, a situação vivida por sua família quando da chegada da colonizadora. As

famílias já estavam alojadas nas terras quando a Ubá chegou reivindicando o reconhecimento da posse das terras “obrigando-os”, segundo Maria José Machado⁵, a pagar por uma terra pela qual muitas vezes já haviam pago.

Percebemos claramente na fala dos entrevistados, mesmo quando tentavam minimizar os acontecimentos, o impasse que significou a instalação da colonizadora na região. Ela se instalou e exigiu o pagamento das terras. Aqueles que não concordavam ou não tinham como pagar, eram expulsos, “jogados” do outro lado do rio Ivaí com mudança e tudo. Antes, porém, os funcionários da Companhia Ubá davam alguns “avisos”, devastando plantações inteiras. Esses funcionários eram chamados de “gafanhotos de aço”. Maria José conta que certa vez sua família foi ao sítio vizinho para fazer pamonha e aproveitar a plantação inteira de milho que havia sido cortada.

A família de Maria José não esperou que a companhia destruísse sua plantação ou os expulsasse: eles deixaram as terras e foram trabalhar de empregados em outras propriedades rurais. Apesar desse impasse, era notória a nostalgia com relação ao período anterior ao incidente, quando sua família cultivava a terra que dizia ser sua. Nesse período, segundo ela, a família produzia tudo o que precisava para subsistência.

Essa característica, a de despertar sentimentos, mostra que além de sua carga documental, a fotografia é um importante instrumento de recuperação histórica aliado à história oral. Com o despertar de sentimentos, o entrevistado se dispõe a contar aspectos que passariam despercebidos não fosse o impulsionar da fotografia.

A mata visível na figura 1 foi sendo derrubada à medida em que o lugar foi sendo desbravado, cedendo espaço às plantações e às estradas. As enormes árvores, depois de arrancadas com ferramentas manuais como enxadas e picaretas, eram queimadas. Com o objetivo de explorar cada vez mais as terras, o desmatamento prosseguiu de tal forma que a mata foi quase completamente devastada.

A figura 2, datada de 1966, mostra como em menos de duas décadas, em alguns lugares, a floresta já estava quase totalmente devastada. A imagem é da balsa sobre o rio Ivaí; o que restava de mata está ao fundo. A fotografia retrata a caravana das catequistas do Sagrado Coração de Jesus e padres de Prudentópolis (PR) que veio a Ivaiporã para a bênção da pedra fundamental da construção do colégio Santa Olga⁶.

⁵ Maria José Machado. Entrevista concedida a Juliana Mastelini Moyses em 16 fev. 2011.

⁶ **40 ANOS de História, 1964 a 2004**. Revista comemorativa dos 40 anos do Colégio Santa Olga de Ivaiporã.

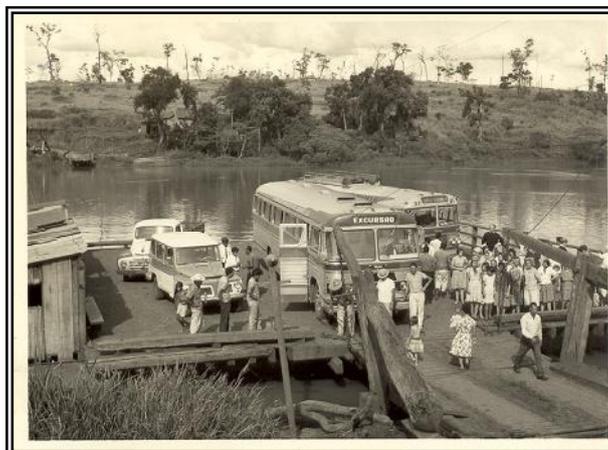


Figura 2: Balsa sobre o rio Ivaí
Fotografia: Autor desconhecido. Data: 1966
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de Ivaiporã

A importância da balsa estava na dependência que as pessoas tinham para atravessar o rio, pois a ponte só foi construída por volta de 1970. A balsa servia para escoar cereais, trazer produtos necessários para a subsistência, e para o transporte de passageiros. A viagem, que já demorava em razão da incipiência das estradas, atrasava ainda mais pela espera e morosidade da balsa.

Quando não era possível atravessar pela balsa, os moradores apelavam para medidas alternativas. Adelina Bitencourt conta que certa vez uma enchente muito forte carregou a balsa. Seu marido, que havia ido buscar mantimentos em Apucarana (PR), teve que atravessar o rio por canoa. A balsa era fundamental, pois muitas famílias se deslocavam para Londrina (PR) ou Apucarana (PR) para comprar o que era necessário.

Herondy Anunziato⁷ recorda que a balsa era puxada à mão com a ajuda de um pedaço de pau e uma forquilha que formavam uma espécie de gancho passado no cabo de aço que era puxado para atravessar o rio. Pode-se observar os cabos de aço do lado direito da fotografia e um homem de chapéu, abaixado ao centro, manipulando uma corrente, provavelmente algum mecanismo da balsa.

Nas décadas de 40 e 50, as pessoas se dirigiam exclusivamente para os sítios, a cidade só se formaria anos mais tarde. O lugar em torno do qual a cidade foi crescendo possuía poucas casas ao longo da atual avenida Brasil. Essas casas eram também vendas, nas quais aqueles que moravam nos sítios compravam o que precisavam. A

⁷ Herondy Anunziato. Entrevista concedida a Juliana Mastelini Moyses em 28 de julho de 2010.

primeira sala da casa era a venda, a família morava nos cômodos do fundo. Os compradores que chegavam a cavalo amarravam o animal nas cercas ao redor da casa.

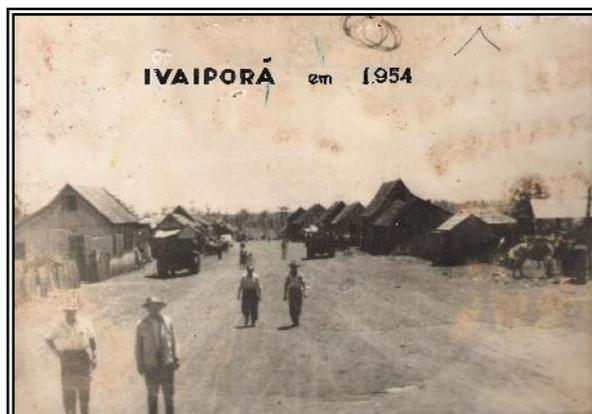


Figura 3: Avenida Brasil
Fotografia: Autor desconhecido. Data: 1954
Fonte: Acervo do jornal *Paraná Centro*

Esta fotografia (figura 3) é a imagem mais lembrada quando se pergunta como era Ivaiporã em seu início, tempo em que o lugar era chamado de Sapecado. Ela traz implícita uma ideia de contradição entre a promessa de urbanidade representada pela rua e o início da construção de casas; e o rural que ainda era realidade, mostrado, dentre outras, pela floresta ao fundo e a rua sem pavimentação.

Ao redor dessa rua foi se formando a cidade. Ali ficavam as casas comerciais e os hotéis. A imagem mostra como o terreno era variado, alguns lugares de mata e outros não. A floresta, dantes abundante, agora só pode ser vista ao fundo. O lugar onde foram construídas a rua e as casas passou por uma queimada, deixando o terreno limpo. Deve-se a essa queimada a primeira denominação do lugar, Sapecado.

Apesar de fazer parte da memória coletiva dos cidadãos, encontrar esta fotografia foi muito difícil. Muitas pessoas possuem sua reprodução em pintura. A única cópia da fotografia a que tivemos acesso já estava envelhecida e com algumas marcações que provavelmente não foram feitas nem por seu autor nem por seu dono.

Outra fotografia não tão conhecida, mas que retrata o mesmo lugar, é a da figura 4. Nela é possível perceber com mais clareza aspectos arquitetônicos, urbanísticos, sociais, ambientais da cidade que se formava. As casinhas mostram como eram as construções, tanto nos sítios como na cidade, todas em madeira, inclusive os telhados, feitos de tábuas cortadas pequenas e pregadas uma sobre a outra. Maria José conta que as tábuas eram excelentes para cobrir as casas. “A tabuinha se pregava e a

capa em cima pra não entrar chuva. Podia cair tormenta, podia cair pedra, aquilo só escutava o barulho da chuva lá fora”, explica.



Figura 4: Avenida Brasil
Fotografia: Autor desconhecido. Data: 1954
Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal de Ivaiporã

Do lado direito da imagem aparece um homem descendo de um cavalo. Esses animais, e as carroças, representavam os meios de transporte quase exclusivos da época, principalmente dos que moravam nos sítios e precisavam ir para a cidade em busca de produtos. Os carros eram raros e os únicos que conseguiam se locomover nos terrenos acidentados eram os jeeps. Quem não possuía cavalo ou carroça fazia o trajeto a pé. As mercadorias vendidas ou trazidas de outras cidades eram transportadas por caminhões.

Tanto nessa imagem (figura 4) quanto na anterior (figura 3), só aparecem homens, todos vestem chapéu. Numa análise primária pode-se supor que o chapéu tinha a única função de proteção do sol, porém a pioneira Tusnelda Goedert conta que o chapéu na época representava a masculinidade, os homens precisavam usar chapéu.

Na próxima fotografia (figura 5) aparece o motor a vapor da Serraria Brasil. O funcionamento do motor era similar ao de uma locomotiva de trem, ou seja, a lenha era colocada para queimar e o calor produzido pela queima esquentava a água que então se transformava em vapor⁸. A fotografia é datada de 1962, ano em que a Serraria Brasil iniciou suas atividades. Este motor foi utilizado na serraria por cerca de 15 anos. Mesmo depois da energia elétrica ser instalada na cidade – precária e insuficiente, no início – a serraria continuou utilizando o motor.

⁸ Jornal *Paraná Centro*. Edição especial em comemoração aos 48 anos de Ivaiporã. 16 a 22 de novembro de 2009.



Figura 5: Motor a vapor da Serraria Brasil
Fotografia: Autor desconhecido. Data: 1962
Fonte: Acervo da família Martos

O homem à esquerda, na figura 5, é Pedro Martos, dono da Serraria Brasil, ao lado de amigos e filho. A composição da fotografia foi elaborada de modo a destacar não as pessoas, mas o motor a vapor, que representava à época o lançar mão do uso de avançada tecnologia. A valorização do primeiro plano permite perceber os detalhes da máquina, mas conota que ela, por si só, nada vale: é preciso que o homem a esteja controlando. Outro aspecto interessante a se observar na fotografia é a luz que o fotógrafo utiliza. Apesar dos personagens se encontrarem em um ambiente interno, a luz é externa e ilumina o primeiro plano, ou seja, a máquina; os homens, ao fundo, estão na área de sombra, à exceção do homem à direita, cuja camisa está iluminada. Isso mostra que o principal aspecto que o fotógrafo queria captar era a máquina, não os homens.

Para o restante da cidade, a energia elétrica era fornecida por meio de um motor estacionário. As pessoas recebiam energia até a meia noite, depois disso as luzes se apagavam e com ela o grande barulho do motor. Quando a eletricidade chegou à cidade, as pessoas estranhavam tanto o silêncio como a nova tecnologia. Inês Ishii⁹ conta que mesmo depois de ter luz elétrica em casa, quando levantava de madrugada acendia uma vela para iluminar o ambiente.

As igrejas primeiramente foram construídas nas localidades rurais, posto que as primeiras formações habitacionais se deram nos sítios e fazendas. No começo, a visita do padre era esperada e só acontecia algumas vezes por ano. As escolas ficavam nos fundos das igrejas. As professoras eram então responsáveis tanto pela alfabetização,

⁹ Inês Ishii. Entrevista concedida a Juliana Mastelini Moyses em 26 de julho de 2010.

como pela catequização e preparação das crianças para a primeira comunhão. Além disso, eram as professoras que inclusive preparavam as reuniões na igreja.

Como mostra a figura 6, as classes eram multisseriadas, ou seja, comportavam diversas séries, realidade ainda presente em algumas escolas rurais. Na maioria das vezes só havia uma professora, como na situação fotografada, para vários alunos de idades e séries diferentes. Isso pode ser visto pela variação de tamanho das estudantes, desde crianças muito pequenas até moças que se confundem com a professora.



Figura 6: Estudantes de escola rural
Fotografia: Autor e data desconhecidos
Fonte: Acervo Biblioteca Municipal de Ivaiporã

Tusnelda Goedert conta que quando se mudou de Santa Catarina para um sítio perto do rio Pindaúvina, não era professora. “Mas como em terra de cego quem tem um olho é rei”, ela foi chamada para lecionar.

Na fotografia, é possível perceber a distinção social pela roupa. Todas usam vestidos brancos, porém nota-se que as meninas com os vestidos mais bem acabados estão do lado direito, todas usam sapatos e algumas delas fazem pose, com a mão na cintura e o pé esticado em posição de destaque. À esquerda, a realidade é outra: meninas com vestidos simples e guardapós por cima, possivelmente para esconder o vestido, sem calçados e em posição de submissão se comparadas com as meninas da direita.

A primeira capela construída na cidade (Figura 7) se localizava onde hoje é o Largo Dom Pedro II, no centro da cidade, próximo de onde foi construída a matriz da cidade, a igreja Bom Jesus, fonte de pesquisa deste trabalho. A igreja era pequena, toda em madeira e rodeada pela mata. Alguma celebração estava sendo realizada no momento em que a imagem foi tomada, porém não foi possível identificar, junto aos entrevistados, do que especificamente se tratava. Parece que o fotógrafo captou o

momento em que as pessoas caminhavam para a igreja, inclusive é possível ver uma criança um pouco mais distante do grupo.



Figura 7: Primeira capela de Ivaiporã
Fotografia: Autor e data desconhecidos
Fonte: Acervo Biblioteca Municipal de Ivaiporã

A composição um pouco inclinada, provavelmente pela irregularidade do terreno em que o fotógrafo apoiou sua câmera, dá destaque para a igreja, mas deixa o plano aberto, valorizando o ambiente em que se encontra a construção. Nesta fotografia, percebem-se as características principais das capelas dessa época, por volta das décadas de 50 e 60: pequenas construções em madeira, com uma torre à frente e um cruzeiro.

Considerações finais

A fotografia não desperta os mesmos sentimentos em todas as pessoas. Cada um reage à sua maneira, trazendo muito de suas características pessoais. Portanto, traçar até que ponto a fotografia é capaz de fazer despertar para um acontecimento, uma situação, é de certa forma complexo e pode resultar numa generalização pretensiosa. Falar do ser humano é falar de peculiaridades e não de generalizações.

Porém é possível afirmar que ninguém fica alheio à fotografia, ela sempre desperta algum sentimento. E são esses sentimentos que vão ajudar a memória na tentativa de recuperar a história para que ela não se perca. Descobrir o que se refere a cada um é descobrir aos poucos o que diz respeito a todos. Por isso, unir fotografias e oralidade para se recuperar a história de um lugar, de um povo, é um instrumento muito



eficiente. Foi esse o instrumento utilizado nesse trabalho. E ele possibilitou chegar não só a questões esquecidas, mas também a aprofundar aspectos e fatos da história de Ivaiporã, seus pioneiros e seus cidadãos. A partir disso foi possível perceber também que a memória, tanto imagética quanto histórica da cidade está dispersa, e que é preciso aglutiná-la, para que as pessoas possam conhecê-la e democratizá-la.

Um dos papéis da história é criar nas pessoas o sentimento de identificação com aquelas que compartilham aspectos da vida. Mas, para que a história crie identificação, é preciso conhecê-la. Este trabalho foi desenvolvido com este intuito: conhecer um pouco mais sobre as pessoas e aspectos de seu lugar comum, e, quem sabe assim, fortalecer a identidade do lugar pela preservação da memória.

REFERÊNCIAS

40 ANOS de História, 1964 a 2004. Revista comemorativa dos 40 anos do Colégio Santa Olga em Ivaiporã.

BOING, Lúcio. **Vale do Ivaí: conflitos e ocupação das terras regionais, 2007** (Comunicação de Trabalho). Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/582-4.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2010.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e fotografia.** 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

HOFFMAN, Maria Luísa. **Guardião de imagens: “memórias fotográficas” e a relação de pertencimento de um pioneiro com Londrina.** 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação Visual) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

JORNAL Paraná Centro. Edição especial em comemoração aos 48 anos de Ivaiporã. 16 a 22 de novembro de 2009.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história.** 2.ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2001.

_____. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo.** Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral.** São Paulo: Loyola, 2002.

QUIEZI, Simone Aparecida. **Companhia Ubá: colonização e ocupação do território entre os rios Ivaí e Corumbataí (1939-1970).** Monografia de pós-graduação *Lato sensu* (Especialização em História) – Faculdade de Filosofia de Mandaguari (FAFIMAN), Mandaguari, 1999.

SANTAELLA, Lúcia. Fotos também se leem. **Carta na Escola,** São Paulo, n. 34, p. 42-45, março 2009.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.